



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

Maria do Socorro Sousa Leite

OPRESSÃO, ALIENAÇÃO E INDISCIPLINA:
o professor, o aluno, a escola

ITAPORANGA – PB

2014

Maria do Socorro Sousa Leite

OPRESSÃO, ALIENAÇÃO E INDISCIPLINA:

o professor, o aluno, a escola

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialização *LATO SENSU* em FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES.

Orientador: Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues

ITAPORANGA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L533o Leite, Maria do Socorro Sousa

Opressão, alienação e indisciplina: [manuscrito] : o professor, o aluno, a escola / Maria do Socorro Sousa Leite. - 2014.
38 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues, Departamento de Educação".

1. Indisciplina escolar. 2. Violência escolar. 3. Papel do docente. I. Título.

21. ed. CDD 371.58

Maria do Socorro Sousa Leite

OPRESSÃO, ALIENAÇÃO E INDISCIPLINA:

o professor, o aluno, a escola

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialização *LATO SENSU* em FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES, sob a orientação do professor Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues

Aprovada em 19/7/2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues (UEPB)

Orientador



Prof. Ms. Alberto Edvanildo S. Coura (UEPB)

Examinador



Profª. Ms. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)

Examinadora

Itaporanga – PB

2014

A minha mãe Teresinha Leite Martildes (*in memoriam*) que no período deste Curso de Especialização foi morar no céu. Minha estrela guia, minha amiga, meu exemplo de vida e fé. Dedico a minha querida mãe, aquela cujo coração foi uma enorme sala de aula, e que me ensinou a “boniteza” de ser professora. Mãezinha, ‘Jamais esqueça que levarei comigo um pedaço do seu ser dentro do meu próprio ser’ (Augusto Cury). Que falta você me faz!

AGRADECIMENTOS

Querido Deus,

Não há linguagem, nem fala onde não se ouça a Sua voz. (Sal 19,3) Obrigada Senhor por me iluminar, proteger, me guiar. Tudo fica mais fácil quando cremos e confiamos. Grata sou a Ti, meu Senhor e meu Deus.

Agradeço carinhosamente ao meu esposo Antônio, pelo o companheirismo do dia a dia, pelo o apoio que me fortaleceu nos momentos de angústia e desânimo. Obrigada meu amor por torcer para que tudo desse certo, você mora num cantinho aconchegante do meu coração.

Ao meu amado filho IAN MATHIAS, porque sua existência me proporciona a experiência sublime de ser mãe, ilumina minha alma, minha vida. Você é a minha inspiração, a minha esperança. Agradeço por rejuvenescer minhas ideias, minhas emoções, pela colaboração nas digitações de certas atividades, pela companhia até altas horas da noite. Filho, amo você.

Aos meus irmãos e as minhas irmãs que muito amo e que muito me amam, por estamos unidos em todos os momentos.

Ao Governo do Estado da Paraíba, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Secretaria de Estado da Educação da Paraíba(SEE) pela disposição em investir na educação, na qualidade do docente, na melhoria do ensino aprendizagem, oferecendo este Curso de Especialização - Lato Sensu - em Fundamentos de Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Meus sinceros agradecimentos.

Ao meu orientador Professor Ms. Adalberto Teixeira pela compreensão, pela paciência, pelo o seu modo calmo de ser e principalmente por me encantar com textos e poesias de escritores brasileiros para o acolhimento de suas aulas, enquanto professor do Módulo Mídia Cultura e Imaginário Urbano. Escolhi a epígrafe deste trabalho para dizer a você muito obrigada.

Aos professores que tão bem conduziram suas atividades e nos ofereceram o melhor de si, em especial ao coordenador Professor Ms Alberto Coura pelo empenho, seriedade e competência em todos os momentos deste Curso de Especialização. Obrigada.

Aos funcionários da secretaria, a João e Elisa, pela disponibilidade e prontidão no atendimento.

Aos colegas e amigas de Conceição e Santa Inês por compartilhar os estudos, as alegrias e preocupações desta jornada. Agradeço de coração a força que me deram para seguir em frente quando meu coração ficou de luto com a partida de minha mãe para junto de Deus.

“Mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou”.

João Guimarães Rosa – Grande Sertão Veredas

RESUMO

O presente trabalho busca compreender a concepção de professores sobre a indisciplina escolar e a violência gerada por esta, tentando captar, principalmente, como essa concepção influencia sua prática. Neste trabalho, a natureza do fenômeno e a abordagem deste, enquanto problemática, apresenta algumas causas da indisciplina escolar, proporcionando um ponto de partida para as novas reflexões e novos entendimentos acerca desse assunto que, se pouco vasto em bibliografia, aflige e muito, a um grande número de professores, tanto das escolas públicas, quanto das escolas da rede particular de ensino. É visível a necessidade de abordar temas que persistem em ser verdadeiros desafios ao processo de ensino/aprendizagem. A indisciplina no cotidiano escolar é uma delas, uma vez que, quando sem controle, gera um clima desfavorável à aprendizagem, pois inviabiliza a comunicação e qualquer processo de informação e construção de conhecimentos. Percebemos também que para muitos professores a indisciplina e a violência aparece como algo independente de sua prática, uma vez que o problema indisciplinar de determinado aluno ou turma parece encontrar-se em primeiro lugar nos próprios alunos, porém estes alunos são vistos pelos citados professores como um produto das condições familiares das quais são oriundos.

Palavras chave: Indisciplina, Professor, Aluno, Escola.

ABSTRACT

This study aims to understand the concept of teachers on school indiscipline and violence generated by this, trying to capture, especially as this influences their design practice. In this work, the nature of the phenomenon and the approach this as problematic, presents some causes of school discipline, providing a starting point for new ideas and new understandings on this subject that is slightly wider in the bibliography, aims, and the a large number of teachers, both in public schools, as the schools in the private schools. It is apparent the need to address issues that persist in being real challenges to the teaching / learning process. Indiscipline in everyday school life is one of them, since, when unchecked, creates an unfavorable climate for learning, communication and therefore prevents any process of building information and knowledge. We also realize that for many teachers indiscipline and violence appears as something independent of their practice, since the problem disciplinary particular student or class seems to lie in the first place the students themselves, but these students are viewed by teachers as cited a product family conditions including hail.

Keywords: Indiscipline, Teacher, Student, School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA VISÃO TEÓRICO CONCEITUAL	14
3. INDISCIPLINA: NA VISÃO E VIVÊNCIA DOS PROFESSORES	18
4. DISCIPLINA NA ESCOLA E PROFESSORES: DO QUE QUEREM AO QUE FAZERM	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6. REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

O primeiro passo para uma reflexão mais abrangente acerca do tema indisciplina que gera violência no cotidiano escolar surgiu justamente na condição de aluna, e não, na de professora. No primeiro momento, a reflexão não girava em torno de aspectos indisciplinados, ou mais precisamente sobre a questão da indisciplina enquanto produto ou resultado de uma dada situação estrutural da instituição escolar, e sim, sobre a falta de sedução com que a escola cumpre a sua tarefa.

A escola de modo geral, não atrai, não seduz, não envolve e ainda guarda muitos dispositivos de poder, cujos resultados ninguém mais teme e, portanto, não surtem mais os efeitos esperados. A escola na maioria das vezes não propõe como lugar de vida e quase sempre é palco de opressão, alienação e indisciplina.

O presente trabalho busca compreender a concepção de professores sobre a indisciplina escolar e a violência gerada por esta, tentando captar, principalmente, como essa concepção influencia sua prática. Neste trabalho, a natureza do fenômeno e a abordagem deste, enquanto problemática, apresenta algumas causas da indisciplina escolar, proporcionando um ponto de partida para as novas reflexões e novos entendimentos acerca desse assunto que, se pouco vasto em bibliografia, aflige e muito, a um grande número de professores, tanto das escolas públicas, quanto das escolas da rede particular de ensino.

O trabalho apresenta-se da seguinte forma: faz-se uma introdução onde se aborda o problema, justificando o estudo realizado e que, no segundo, é referenciado teoricamente. Prosseguindo, temos a metodologia utilizada no estudo da indisciplina escolar é atribuída e justificada, para, nas discussões trazemos o entendimento de que a indisciplina que gera violência no cotidiano escolar desses, focalizada em diversos aspectos e fatores e nas influências que esses podem ter sobre o problema da indisciplina escolar.

Nas considerações finais, esboça-se um quadro resultante de um pequeno entendimento do problema, pincelando possibilidades de ação e reflexão, auxiliando num primeiro passo para novas abordagens que o tema indisciplina no cotidiano escolar pode e deve suscitar.

É visível a necessidade de abordar temas que persistem em ser verdadeiros desafios ao processo de ensino/aprendizagem. A indisciplina no cotidiano escolar é

uma delas, uma vez que, quando sem controle, gera um clima desfavorável à aprendizagem, pois inviabiliza a comunicação e qualquer processo de informação e construção de conhecimentos.

Essa necessidade se faz, principalmente, quando essas abordagens buscam compreender a prática da escola, em particular, na figura do professor: como este pode estabelecer um clima favorável à relação ensino/aprendizagem, sem recorrer a castigos e à punições que, na maioria das vezes, não referenciam a falta cometida e nem mantêm vivo o interesse dos alunos (VASCONCELOS, 2000).

A questão da indisciplina no cotidiano escolar é um problema que aflige escolas dos diferentes níveis de ensino e constitui-se num dos principais entraves para o bom andamento da aula, haja vista, perder-se muito tempo com ocorrências indisciplinadas, em detrimento do tempo necessário para tarefas de desenvolvimento do conteúdo, por exemplo.

As causas da indisciplina no cotidiano escolar podem ter origem na sociedade, na família, na escola, no professor e no aluno, tendo como núcleo a organização da sociedade. Para entendê-la, são apresentadas três dimensões fundamentais: a análise da realidade do aluno, da escola e da sociedade; sendo que, a projeção de finalidades que têm o professor e a escola e as formas de mediação feita pelo professor, é papel primordial para trabalhar melhor seu programa de ensino.

Sem estas dimensões, o professor permanece numa mera constatação de um fato problemático, sem ir à procura da raiz desse problema, que é formado num âmbito muito maior do que uma sala de aula onde ele se efetiva. As formas como os alunos e professores atuam e entendem a realidade em que vivem são refletidas nas formas de agir direcionando para uma ordenação do significado das relações.

Constantemente ouvimos de nossos colegas professores queixas sobre o mau comportamento dos alunos, e, curiosamente estes mesmos professores têm sempre como respostas e conclusões para esses problemas, velhos ditos populares como: ‘essa juventude não quer saber de nada, ou ainda, “os alunos de hoje em dia não querem mais estudar”’.

Em nosso cotidiano temos contato com professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maestro José Siqueira, localizada no Município de Conceição, Estado da Paraíba. Ali percebemos que a indisciplina apresenta-se com as mesmas características que se apresenta na maioria dos contextos escolares, ou

seja, os professores reclamam da falta de atenção dos alunos, de conversas paralelas, atritos entre colegas de sala, enfim, a impossibilidade de realizar tarefas. Porém, algo parece ser consensual entre a maioria dos docentes: a culpa está sempre nos alunos.

Compreender a concepção e, por conseguinte, a forma como o professor aborda o tema indisciplina que gera violência no cotidiano escolar, nos impulsiona a averiguar como essa concepção influencia a prática desse professor no trabalho com seus alunos.

Torna-se relevante levantar algumas questões, tais como: que compreensão os professores têm de violência e indisciplina no cotidiano escolar? Como os professores lidam com estes problemas? Como os professores entendem os desvios de disciplina dos alunos? Como é discutida e estudada a indisciplina na escola? Como é discutida e estudada a violência dentro do ambiente escolar? Enfim, que perspectivas os professores têm sobre a construção da disciplina e a violência gerada em sala de aula?

Buscar compreender as questões da indisciplina e violência no cotidiano escolar, é contribuir para o diálogo e para possíveis atos na ação de alterar o quadro da indisciplina na escola e prevenção da violência, esse é, portanto, o principal objetivo deste trabalho.

2. INDISCIPLINA ESCOLAR: NUMA VISÃO TEÓRICA E CONCEITUAL

O referido tema sempre se apresentou no cotidiano escolar de forma incontestável e plausível de observações e cuidados, captando fundamentos para uma visão sistemática no que se refere ao âmbito escolar e educacional.

A condição de vida no contexto social, geralmente se apresenta com seus valores, crenças e instituições voltadas para padrões de comportamentos ditos “normais” e que através, destes um indivíduo se integre ou se exclua dos meios sociais.

Ao que Foucault denomina de indivíduos normalizados, ou seja, as formas como o indivíduo recebe e interage com o meio social, também são estritamente relacionadas com a questão disciplinar:

A concepção de disciplina mantém uma relação de dependência com o meio social em que está inserida, pois é de acordo com os princípios e valores pré-estabelecidos pelos grupos que o constituem que se definem as regras que determinam essa disciplina. As relações escolares determinadas em termos de obediência e subordinação, com o passar do tempo, são revidadas pelo novo sujeito histórico originado pelas mudanças sócio culturais (ANTUNES, 2002, p. 56).

Daí a necessidade de buscarmos entender a preocupação que ora envolve a indisciplina, e para isso foi necessário recorrermos ao significado da mesma para estabelecermos termos de entendimento, ou seja, de como a indisciplina é gerada. Tudo isso em resposta a controvérsias vividas no nosso cotidiano escolar, pois, a indisciplina se faz presente opondo-se à prática administrativa e pedagógica desenvolvida na instituição escolar, confirmando, assim, as relações controvertidas entre a escola e as outras instituições sociais. Esse quadro revela claramente o quanto importante são as diferentes práticas pedagógicas no ato de conceber o significado de disciplina, bem como a maneira de implantá-la (BOSELI, 2002).

A família apresenta-se como uma das mais importantes instituições relacionadas à indisciplina escolar. Segundo Antunes (2000), isto se apresenta de forma consensual como um fator de relevante importância, na disciplina comportamental e na apreensão de conteúdos, já que a carga de conceitos que o aluno traz, fora adquirida primeiramente na família, que sem dúvida está inserida

num dado conceito social, devendo-se observar que as condições materiais e a classe social de onde se origina essa família, com certeza, influenciarão a vivência do aluno na escola.

Esse enunciado encontra seu respaldo na referida citação:

Eu vejo a questão da indisciplina muito parecida com a questão da aprendizagem comum. Uma criança que vem de um lar sólido, de pais que conversam, que assinam revistas, tem maiores chances de aprender os conteúdos disciplinares do que uma criança que vem de um horizonte culturalmente muito empobrecido (Antunes 2001, p. 19).

À respeito do segundo grupo de crianças citado por Antunes, reconhecemos que representa na nossa realidade a grande maioria das escolas públicas, uma vez que, a aquisição de determinados valores que deveriam ter sua aprendizagem na família e não tem, dificulta sem dúvida o trabalho escolar. Para reforçar este pensamento buscamos a citação de Ana Jover (1998, p. 34) que diz: “[...] difícilíssimo, porque tais noções (a saber: entendimento de regras, partilha de responsabilidades, cooperação, reciprocidade, solidariedade) vem da família. E nem toda família tem condições de fornecer tais valores”.

Muitas vezes a disciplina vem através da imposição da obediência, eis aí um ponto importante na opinião de Foucault *apud* Silva (1994, p. 32), constatando-se uma ironia: não seria a disciplina uma resultante da educação, ao invés de ser imposta para conseguir esta educação? Veja como o autor levanta essa questão: “É irônico encontrar na própria base da teoria liberal clássica, no *Leviatã* de Hobbes, o reconhecimento tanto da necessidade de assegurar a obediência ao contrato quanto à compreensão de que isso pode ser obtido através da educação”.

De certa forma a escola tem buscado o autodisciplinamento, através do qual os estudantes devem conservar a si e aos outros sob controle. A exemplo, vemos em diversas salas de aula, que os estudantes aprendem a levantar a mão antes de falar em classe, a manter os olhos sobre o papel durante os testes, a manter os olhos no professor dando a entender que está escutando as explicações do mesmo, a manter-se em suas carteiras em filas e aceitar em sua maioria as regras disciplinares da escola da qual fazem parte.

Segundo Celso Vasconcellos (2000, p. 34), o caminho pelo qual deve se nortear a prática do professor é, sem sombra de dúvidas, o foco central do debate

sobre a indisciplina, visto que, o professor não dispõe ainda de métodos e ferramentas eficazes para o enfrentamento do problema. Vasconcellos também menciona a importância de professor está cômico e ter uma postura coerente com a proposta política pedagógica da escola em que atua, para poder desenvolver com confiança sua prática educacional, legitimando e apoiando-se no respaldo que esta política oferece.

É, portanto, concebido que a capacitação do professor, bem como sua concepção sobre indisciplina, passa a constituir um quadro que delinea a convivência da sala de aula. Esse comentário encontra respaldo teórico nas afirmações de Boselli (2001, p. 102) :

A desmotivação dos alunos e o desinteresse explícito por aquilo que se pretende ensinar ou qualquer outro comportamento inadequado, por vezes não são mais do que chamadas de atenção ao professor sobre os seus métodos de ensino ou sobre as estratégias de relação na aula [...]. O professor deve assumir a atitude de quem detém um poder, mas não se sabe bem quanto nem quando vai usar. Se um professor usa demais as mesmas armas, acaba por ficar desarmado. Não é aconselhável a censura permanente, sendo mais adequado ignorar os comportamentos incorretos que não perturbem diretamente com o desenrolar da aula. Utilizam-se estratégias adequadas a cada aluno e a cada situação.

Vasconcellos (1995, p. 32), também vê na formação do professor uma grande aliada para a melhoria de suas estratégias e a capacidade de lidar com a **INDISCIPLINA** no cotidiano escolar, daí ele cita:

O trabalho do professor em sala de aula, evidentemente, depende da concepção que se tenha da tarefa social da escola. O que se espera da escola? Quais suas funções sociais? A questão do que fazer passa, portanto, antes de tudo, pela postura do professor (e da escola), pela maneira de como o professor entende o seu papel social. Não dá para falar em metodologia separada de uma concepção de educação (e de sociedade).

O trabalho do professor deve resultar numa aula aprazível, com resultados e significados práticos para os alunos, porque se assim for, muitas ocasiões de indisciplinas com certeza serão amenizadas, e assim proporcionará aos alunos:

Desenvolver uma educação significativa (o que) implica (...) buscar um conhecimento vinculado às necessidades, interesses e problemas

oriundos da realidade do educando e da realidade social mais ampla (VASCONCELLOS, 1995, p. 32).

Isto nos leva a perceber que tudo passa pela qualidade da aula uma vez que há mais indisciplina em algumas aulas do que em outras e o porquê disso está diretamente ligado à qualidade da aula.

O professor na atualidade necessita adquirir competências adequadas aos atuais contextos sociais e, acima de tudo, desenvolver a quarta competência descrita por onde diz que é preciso, envolver os alunos em suas aprendizagens e no trabalho, isto deve se tornar numa ação privilegiada e recheada de afetividade no que se refere à ação de distribuir o conhecimento e ter de fato a aceitação dos que o recebem (PERRENOUD, 2000).

3. INDISCIPLINA: NA VISÃO E VIVÊNCIA DOS PROFESSORES

Neste capítulo serão apresentados os resultados colhidos nas expressões e na convivência com os professores durante o decorrer deste trabalho. Aqui verificamos que, no ambiente dos que fazem a vida escolar, principalmente o professor, existe uma preocupação em observar a inoperância de seus esforços, e a partir daí nota-se que o aprendizado dos alunos não responde aos anseios do professor e, pode-se observar, mirando na sociedade, que a escola não conseguiu transformá-la em relação à exclusão social. Essa exclusão social toma, agora, o advento da globalização informatizada, uma conotação muito mais alarmante tanto no que diz respeito à quantidade de excluídos, como em relação aos valores verdadeiramente sociais da sociedade moderna.

A questão da indisciplina no cotidiano escolar, apresenta-se como um entrave para o alcance desses anseios e aparece como um esforço a mais, uma tensão a mais, tudo isso somado a uma remuneração não satisfatória, condições de trabalho (materiais, laboratórios, espaços como quadras cobertas, teatros, parques jardins, etc.) precárias. Tudo isso gera uma insatisfação profissional, que, por conseguinte se reverte também em indisciplina.

Entre os professores de uma certa escola pública estadual, existem diferenças abissais com relação à concepção do que seja indisciplina, como também o que seja o ato educacional como um todo. Isso sem dúvida, agrava a forma de enfrentar esse fenômeno tão presente no cotidiano escolar, e assim, sabemos que se torna difícil, mas não impossível, enfrentar uma luta onde todos não lutam com a mesma paixão, e muitas vezes faz de conta que se luta por obrigação, sem saber contra quem, para quem e nem muito menos a favor de quem se empreende essa luta. E como nada na vida é um fato isolado e neutro, esse professor desempenha um papel na reprodução de uma sociedade capitalista que vem se mantendo na sociedade justamente pelo fato de emparedar aquilo que faz, bem como os seus pensamentos e ações.

Porém, há os que se sentem imbuídos de um sentimento nobre e de grande valor que sabem exatamente o seu papel como um sujeito de transformação, que está ali para contribuir, mediar e sem dúvida engrandecer os educandos, transformando-os de fato, em verdadeiros cidadãos conscientes dos seus direitos e

deveres. Estes sentem e sabem que a indisciplina pode resultar de fatores que muitas vezes partem de seus próprios atos, e que a maneira de como a indisciplina é conduzida e encarada gera um clima favorável ou desfavorável na relação aluno x professor.

Verificamos também que existe uma luta travada entre a obrigação de cumprir o conteúdo a ser dado e a impossibilidade de trabalhá-lo justamente por não conhecer ou por não entender o aluno enquanto ser familiar/social/econômico. Isto se torna contundente e encontra apoio na má formação desses professores, nos anseios dos alunos frustrados com a vida escolar, no número muito elevado de alunos por turma, o que torna impossível o reconhecimento das diversas realidades e dos diversos universos que o professor precisa ajudar a se ordenar e despertar interesse pelo conhecimento que precisa ter significado e ainda encontrar eco no universo dos alunos.

Salvo os professores que já têm uma visão mais aberta à realidade do cotidiano escolar, estes de fato seguem um modelo mais amplo no qual se reconhecem como seres formadores e construtores de uma nova classe social estudantil, ou seja, a de seres em formação, estes sim têm muito que aprender, mas também têm muito que ensinar e contribuir para o engrandecimento desta sociedade tão diversificada.

Percebemos claramente que boa parte dos professores ao reclamar da indisciplina no cotidiano escolar, tenta encontrar uma causa para tal comportamento do aluno. A fala de um deles é um exemplo desse tipo de pensamento, quando diz: “Eu não posso corrigir algo que já vem de casa”; essa professora da quinta série, conclui não ter forças para lutar contra algo que já vem com o aluno, e ainda complementa: “Em casa, eles devem ser do mesmo jeito”. No entanto, é preciso que os professores se vejam como seres capazes de fazer algo por essa sociedade estudantil, que grita por mudanças, e que esta mesma sociedade está em formação, e assim sendo, ela pode e deve ser moldada para a melhor das formas, pois daí depende de fato o nosso futuro sem nenhuma falsa modéstia.

Um outro professor mostra que já entregou os pontos ao declarar: “Já perdi a saúde de tanto quebrar a cabeça com os filhos dos outros, estou estressado de tentar levar tudo como manda o figurino, agora não vou mais esquentar”. E prossegue falando para os colegas inclusive nós (autora deste trabalho), como ele

faz para contornar a indisciplina na sua sala de aula: “Eu faço qualquer coisa no quadro para eles copiarem, para mantê-los ocupados, quem não quiser copiar eu mando para diretoria”. Aqui está o retrato fiel do professor que vai para escola apenas para cumprir expediente, e infelizmente, as nossas escolas estão abarrotadas de profissionais desta espécie, que não têm o menor compromisso em formar cidadãos.

Ainda verificamos outro perfil de professor, aquele que chega na sala de aula numerosa e começa a explicar sobre o agravamento da indisciplina: “O problema é que tem muito aluno e pouco espaço, imaginem dar aula para uma turma de mais de quarenta alunos numa sala como esta é quase impossível, e para piorar os alunos conversam demais e o barulho fica insuportável, a gente tem que ensinar e ainda precisa ficar pedindo licença, silêncio, essas coisas”. Por esses comentários e ações podemos perceber que boa parte da indisciplina nasce da constante insatisfação de ambas as partes. Mas é do professor o papel de motivar, dar significado, ou seja, é do professor o papel de estimular para seduzir os alunos para um conhecimento satisfatório e pleno, isto porque, um indivíduo desmotivado nada produz e com isso nada aprende. E a partir daí, o trabalho do professor fica cansativo e sem razão de ser.

Quem já não teve em sala de aula um aluno ou grupo de alunos que mexe com os colegas, faz piadinhas em horas erradas e não respeita as ideias dos colegas e professores?.

A indisciplina desses alunos deve ser vista pelos educadores como matéria-prima. Sua rebeldia significa que ele está querendo participar como sujeito histórico e não como objeto no processo pedagógico. Ele pode estar dizendo que as regras, normas, conteúdos e sistema de avaliação e transmissão de conteúdos não são compatíveis com sua expectativa de escola. É preciso que a partir de então, o professor se auto-avalie e estabeleça mudanças para uma melhor e real inclusão destes alunos dentro dos conceitos e padrões de conhecimentos e aceitação, dos próprios alunos. Isto vai depender muito da capacidade de mudança e criatividade de cada educador, onde é necessário que as mudanças tenham começo, mas não tenham fim, porque em se tratando de melhorias educacionais deve-se estabelecer as boas ideias e criatividade tanto dos educadores como dos educandos.

É importante que haja um pacto entre professores e alunos para que se crie condições de trabalho favoráveis para ambas as partes, e assim, se estabeleça de

imediatos, parcerias em busca de um aprendizado que gratifique as duas partes, pois a educação deve ser construtivista e inclusiva.

É notório entender que atos valem mais do que palavras, especialmente ao considerar o pensamento do educando, porque, por vezes percebemos enquanto educadores que, é de pouca valia teorizar agressividade para determinadas turmas, é bem mais eficaz ilustrar as aulas com exemplos da vida cotidiana, embora isto não deva promover a estereotipia das partes envolvidas, pois algum aluno que poderá se identificar com o “tipo” sentir-se-á constrangido e com certeza tornar-se-á mais indisciplinado.

O professor deve sempre examinar seus atos, abolindo comparações, exteriorizações de preferências e críticas, ainda que assuma, no seu íntimo que as tem, mas é melhor do que combatê-las com falso pudor moral, por exemplo, quando diz que não tem preferência, isto sem dúvida é um grande gerador e causador da indisciplina no cotidiano escolar.

Outro fator que é percebido dentro do convívio escolar, como indicador de indisciplina, é quando um determinado professor presenteia ou elogia excessivamente algum aluno, mesmo sem criticar os demais, esta é uma forma de acirrar a inveja e o ciúme, desencadeando a indisciplina, ainda que tais elogios, sejam aplicados na forma de incentivo, aos “menos” merecedores. Esta atitude denuncia, às avessas, um olhar mais criterioso do professor, e impede a criança de aprender a tolerar frustrações.

No combate a indisciplina, o professor deve evitar sermões, evitar situações vexatórias, explicar a impropriedade da conduta, numa linguagem simples, direta e acessível, e permitir à criança a reparação, de acordo com sua iniciativa.

Quando nos deparamos com alunos desobedientes e teimosos, devemos pensar e analisar que, em princípio, a desobediência é salutar, especialmente ao pensarmos no modelo de sociedade democrática, em oposição às tiranias que abominam a contestação e a crítica. Alunos demasiadamente obedientes têm, em geral, pouca criatividade e autoconfiança, além de quase sempre, não terem iniciativa nem opinião própria. Mais do que normas incoerentes, tirânicas ou frouxas, o que os alunos indisciplinados precisam é de limites, visto que, na maioria das vezes, o que esse comportamento atesta é a inerente indagação: até onde posso ir?

Do ponto de vista educativo, julgamos que não é suficiente suprimir o comportamento indisciplinar, mas deve-se difundir a adesão ao comportamento

disciplinar, levando-os a compreender e participar de maneira ativa e satisfatória das atividades diárias de sua turma, e mostrando como cada aluno é parte importante nas conquistas diárias de sua turma e escola. Nunca se deve excluir, nem temporariamente, algum educando do grupo ou tarefa de sua turma, para não gerar desconforto, mal estar social e indisciplina.

É preciso que o próprio educador se dê conta do que ele mesmo vive e pratica, para não ficar culpando os alunos por toda e qualquer prática de indisciplina, que venha a acontecer no seu cotidiano escolar. Alguns professores se acomodam e querem respostas prontas, fórmulas equacionais na resolução dos problemas indisciplinares, e com isso não percebem que muitas vezes sua própria forma de conduzir e organizar a sala de aula, por exemplo, pode estar o foco gerador de descontentamento e por conseguinte da indisciplina dentro do cotidiano escolar.

É preciso que os professores tenham mais compromisso para com os seus alunos, e para com a educação de um modo geral, pois educar não é apenas cumprir o conteúdo programático, nem tampouco ser um repassador de conhecimentos específicos; educar é também ser um conhecedor do outro e se deixar conhecer com suas virtudes e fracassos, pois afinal, nós professores não temos a necessidade de sermos infalíveis, e sim precisamos mesmo é ser parceiros na verdadeira construção do ensinar e do aprender. Fortalecendo e unindo os dois elementos fundamentais da aprendizagem: professores e alunos.

4. DISCIPLINA NA ESCOLA E PROFESSORES: DO QUE QUEREM AO QUE FAZEM

Neste capítulo explicitaremos o assunto dentro de concepções de professores que vivenciam o tema, levando em conta alguns aspectos e fatores por eles mencionados como sendo as principais causas ou influências fundamentais geradoras da indisciplina no cotidiano escolar. Portanto, cuidamos em expor os dados coletados no trabalho de campo, mostrando como a indisciplina se apresenta no cotidiano escolar, de acordo com aspectos e fatores, bem como das influências que esses podem ter sobre o citado problema da indisciplina.

A frequência com que alguns professores enfrentam a indisciplina no cotidiano escolar nos mostrou que, 40% afirmam se deparar muito frequentemente com este problema, revelando que o fenômeno da indisciplina já permeia em grande parte do cotidiano da escola. Outros 46% dizem enfrentar esse problema “quase sempre”, evidenciando, portanto, que a indisciplina no dia-a-dia é fenômeno corriqueiro nas salas de aulas.

Tudo isso fica mais potencializado quando temos somente 6,6% desses professores afirmando ter “pouco” desse fenômeno nas suas salas de aula e apenas 6,7% que dizem ter “muito pouco” da indisciplina no seu cotidiano escolar. Configurando-se portanto, um quadro de INDISCIPLINA escolar que reina na maior parte do cotidiano desses professores, e que é visto como algo quase natural, se levado em consideração o que diz Estrela (1992, p. 42) em relação ao espaço onde se encerra a relação aluno x professor, espaço este onde os movimentos são limitados, em detrimento da ordem estabelecida para as carteiras, que geralmente impõem a difícil tarefa do autodisciplinamento.

Partilhar um espaço fechado e limitado com um grupo numeroso, circunscrever-se ao espaço reduzido de sua carteira, controlar os movimentos e reduzir as deslocações constitui a primeira e mais difícil aprendizagem do aluno que entra na escola. Aprendizagem penosa, que não se faz sem resistência e sem libertação de agressividade.

A indisciplina é mensurada como um entrave ao desenvolvimento das atividades em sala de aula, 36% dos professores consideram que a indisciplina é fator de porte médio a esses entraves. Porém, 64% dos professores veem a

indisciplina como um grande empecilho ao bom andamento das atividades na sala de aula. Verificando o percentual da soma dos professores que acreditam haver prejuízo ao bom andamento da aula, temos 93% de todo o universo pesquisado, e estes também admitem que há prejuízo no aprendizado e na relação aluno x professor. Somente 6% dos professores pesquisados disseram que a indisciplina contribui “pouco” para o desenrolar das atividades escolares. Embasado neste último percentual, verificamos que é bem pequeno o número de professores que não perde tempo com problemas de indisciplina. Sobre este fato Vasconcellos afirma que “pesquisas pedagógicas recentes têm mostrado o quanto se perde de tempo de aula com a questão da indisciplina, em detrimento da interação do aluno com o conhecimento e com a realidade” (VASCONCELLOS, 2000, p. 13).

Quanto à formação familiar e sua influência no comportamento (in)disciplinar dos alunos, aparece em 80% das respostas como sendo “sempre” uma influência geradora ou norteadora do problema de comportamento. A partir deste alto índice notificamos que, sem dúvida, a família através de sua formação tem intrínsecas relações com as questões disciplinares dos alunos na escola. Os demais 20% do universo pesquisado também atribuem à formação familiar, só que estes estão no percentual de “quase sempre”, ou seja, que nem tudo provém da família. De acordo com a visão de Vasconcellos (2000) isso está acontecendo porque a família não está cumprindo a sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos.

Percebemos que, existe uma necessidade de maior entrosamento entre a família e a escola, para que tanto uma como a outra se reconheça como formadoras do aluno e do cidadão em todos os seus aspectos. A falta de entrosamento e de diálogo entre a família e a escola inviabiliza, de fato, esse processo formador, como esclarece Vasconcellos (2002, p. 22):

Ao procurar entender o que está se passando com a família, podemos entender muito do que está se passando com a escola e com os próprios professores, já que tudo está relacionado, qual seja: os problemas da família não se explicam por si mesmos. Além disso, esta compreensão poderá nos ajudar a estabelecer um relacionamento com os alunos e suas famílias menos marcadas pela acusação, possibilitando uma autêntica busca de assumir as responsabilidades respectivas, superando o famigerado ‘empurra-empurra’.

Alguns professores atribuem à família certos fatores referentes à indisciplina na sala de aula, como também em diversos campos sociais, ou seja, estes educadores norteiam seus pensamentos na questão de como é dada a educação daquela família, pois muitas vezes a falta de acompanhamento dos pais no desenvolvimento escolar dos filhos leva essas crianças a sentirem-se desamparadas, e com isso, certamente aumenta o índice de INDISCIPLINA dentro das escolas e fora delas. No entanto esses pais podem está imbuídos de problemas como falta de tempo, desconhecer o seu papel de colaborador dentro da escola.

Isso sem dúvida é um mal que atinge à sociedade contemporânea, que está estruturada de várias maneiras, onde filhos de pais separados ora ficam com o pai, ora com a mãe, e as visitas são por vezes insuficientes para suprir a carência que gera muitos conflitos internos, e conseqüentemente distúrbios de comportamentos nos alunos que passam por essa experiência. Temos também a questão da afetividade no meio familiar, até mesmo em famílias que os pais vivem numa mesma casa, mas que a falta de carinho e compreensão dentro dos lares são molas propulsoras e motivadoras que certamente desencadeiam na indisciplina dentro e fora das salas de aula.

A relação existente entre (in)disciplina e família vêm sendo criticada à medida que, alguns autores percebem que existe um repasse de culpas entre família e escola, e com isso a instituição escolar procura se isentar de suas reais funções. Rego (1996, p. 89) nos afirma que “Nesse caso, a responsabilidade pelo comportamento do aluno na escola parece ser única e exclusivamente da família. Novamente a escola se isenta de uma revisão interna, já que o problema é deslocado para fora do seu domínio.”

Com relação à crise social, econômica e política vivida no início do século XXI, a indisciplina nas escolas é apontada por 40% dos professores como interligadas. Para outros 60% creem que “quase sempre” a indisciplina escolar favorece para a indisciplina em sala de aula. Alguns cientistas políticos dizem não ser possível melhorar a vida da população urbana porque o débito social é muito grande e as forças políticas não querem ou não conseguem se organizar para superar este problema tão complexo. Por vezes são promovidas melhorias setoriais que resolvem pequenos entraves, mas não existe estrutura urbana capaz de elaborar e pôr em prática serviços públicos satisfatórios para toda população.

Existe um recurso de extrema relevância, através do qual os serviços públicos tentam amenizar a dívida com a sociedade e superar a crise social, tentando universalizar o acesso à educação escolar, que, sem dúvida, não deixa de ser algo de suma importância; porém este empreendimento parece que ainda não tem resposta satisfatória, pois a escola não se encontrava preparada para atender uma demanda tão grande. Com isso, a escola, em especial as escolas públicas passaram a ser um espaço de opressão, superlotação, gerando a indisciplina no cotidiano escolar.

Outro fator de especial relevância desta crise social que diz respeito à indisciplina é sem dúvida as condições de vida dos alunos, muitos vivendo em condições financeiras extremamente delicadas, veem na merenda escolar um motivo a mais para permanecerem na escola. Prova disso é a grande ausência de alunos quando a merenda escolar acaba, pois para alguns alunos a merenda escolar é a principal ou única refeição durante o dia.

Em relação às normas referentes à indisciplina escolar 13,3% consideram-nas satisfatórias, no entanto, 20% desses professores dizem ser pouco satisfatórias, outros 20% as veem muito pouco e a grande maioria desses professores, ou seja 46,7% desconhecem totalmente as normas expostas no regimento escolar. Esses percentuais levam a perceber que existe um desencontro de ideias e interpretações sobre o fator indisciplina contida no regimento escolar. É plausível perceber o quanto essas normas estão imprecisas e desnorteadas tanto na teoria quanto na prática escolar.

No entanto 53,2% dos professores desconhecem ou tem pouco conhecimento de como a temática indisciplina é apresentada no projeto político pedagógico da referida unidade escolar, apenas 13% dos professores afirmam que ela existe, contudo, 46,8% dizem que a temática indisciplina nunca tem espaço no projeto político pedagógico da escola. Indubitavelmente, isto gera um distanciamento no relacionamento aluno x professor, e a partir daí não há construção efetiva dentro do processo ensino-aprendizagem, e tanto na escola como em qualquer outro meio de interação social, os processos devem ser pautados e mantidos por vínculos afetivos que funcionam como molas propulsoras em todo e qualquer processo educativo.

Portanto, inspiramos- nos nas considerações de Lech (2001), quando ele reafirma o pensamento de Vasconcellos (2002), e nos adverte que, no processo ensino aprendizagem, a reciprocidade de sentimentos entre educador e educando é

fundamental. O professor motiva o aluno ou o aluno motiva o professor? O desejo real do professor de que o aluno aprenda e seja feliz é o que realmente fará este processo ocorrer. Esta afirmativa pode ser uma das que sustentam os quatro pilares da educação contemporânea de que o aluno aprenda a Ser, Fazer, Conviver e Conhecer. Se isto tudo parece difícil, ora, isto não é motivo para que não se continue querendo, palavras de Mário Quintana.

São seis os fatores que podem gerar a indisciplina na sala de aula: o primeiro é o professor como fator gerador de indisciplina, nisso entra em xeque a formação do professor e conseqüentemente suas competências para lidar com esse fenômeno. Há ainda uma negligência na atual formação dos professores com relação aos aspectos, quando dizem que o professor não é preparado para determinados assuntos.

A esse respeito buscamos embasamento nas palavras de Estrela (1992, p. 46), que diz:

Este fato põe em causa os sistemas de formação, em que a preparação do professor para os aspectos relacionais em geral, e para os aspectos disciplinares em particular, é negligenciada ou tratada de forma inadequada. [...] Por isso, é no período de formação inicial que elas devem começar a ser adquiridas e treinadas, assim como devem ser reavaliadas e desenvolvidas ao longo da formação contínua.

Em seguida, vem à falta de diálogo que também aparece como algo gerador da indisciplina. Segundo alguns professores, a ausência do diálogo é visível tanto entre alunos e professores, como também entre a família e a escola como um todo. É através do diálogo que se chega a entendimentos, concordâncias ou discordâncias sobre o convívio escolar e suas questões disciplinares. Todavia, deve ser de grande transparência a maneira pela qual se opera a autoridade disciplinar do professor, e é necessário que tenha um caráter legítimo perante os alunos, daí ser extremamente importante que essa transparência no diálogo nasça “da compreensão da legitimidade da regra” e, por conseguinte “decorre a probabilidade de ela ser aceita e respeitada” (ESTRELA, 1992, p. 77).

Em terceiro plano, está a sociedade como fator gerador da indisciplina no cotidiano escolar, e esta encontra aprovação na expressão e na prática de alguns professores. Pois, é sabido que, tanto a escola como a sala de aula reproduzem os

valores e os movimentos da sociedade, mas se houver transformação do movimento da escola e da sala de aula, teremos um movimento diferente, para não dizer inverso, no qual a escola e a sala de aula serviriam de mediadoras entre a forma de ver a sociedade e de julgar previamente as relações nela estabelecidas. Se a culpa é da relação social, é necessário transformá-la na escola e na sala de aula (VASCONCELLOS, 2000).

É sem dúvida, o momento de tensão e mudança que ora passa as escolas de um modo geral, pois é neste universo que lidamos com as mais diversas classes sociais, com as mais diferentes formações familiares e com os mais diferenciados tipos de indivíduos, e, partindo de pontos tão complexos, é necessário que os professores em questão estejam preparados, e habilitados para uma mudança que não pode mais retroagir. Torna-se, essencial que as classes dominantes e o Estado vejam e revejam as leis e determinações que regimentam a nossa educação, porque afinal, são eles os mantenedores de nossas instituições escolares.

Em seus escritos (VASCONCELLOS, 2000, p. 54), menciona um parecer crítico sobre o papel das classes dominantes e do Estado com as seguintes palavras: “As classes dominantes brasileiras e o Estado que as representa já demonstraram fartamente ao que vieram: não resolver nenhum dos problemas sociais básicos das classes trabalhadoras [...]”. Esta constatação aponta para a necessidade dos educadores comprometidos com a educação das classes trabalhadoras e, portanto, com a transformação social, organizarem-se para retirar a escola do domínio que as classes dominantes exercem sobre ela e, ao mesmo tempo, cobrar dos discursos oficiais aquilo que até agora só tem ficado no papel.

Fica, portanto, claro que devemos fazer o nosso papel enquanto ser social, mas também devemos cobrar das autoridades competentes as providências necessárias e prometidas nas épocas de campanhas eleitorais, para que, assim tenhamos uma política educacional mais decente e realmente voltada para quem é de direito, a sociedade como um todo.

A escola vem em quarto lugar como fator causador da indisciplina, porém o motivo alegado por alguns professores é o número elevado de alunos por sala. Conforme os professores que se embasam em tal afirmativa, neste ponto existe um agravante, pois inviabiliza a forma que o professor tem de trabalhar com as turmas e dificulta a adequação do professor em sala de aula. Tudo isso encontra respaldo na afirmação de (VASCONCELLOS, 2000, p. 33), quando diz que “Temos numa sala

de aula, tantos microcosmos quantos forem às pessoas nela presentes, cada uma com sua história, com seu quadro de valores”. O trabalho do professor de classe numerosa deve partir do conhecimento particular de seus alunos, só assim o tempo dedicado ao aluno vai apresentar um rendimento proveitoso, e, com certeza, o índice de indisciplina irá diminuir drasticamente.

Todavia, sabemos que a forma com que a unidade escolar trata das questões sociais e organiza seu trabalho educativo, favorece bastante a questão tanto disciplinar como indisciplinar, pois tudo se concentra na valorização do educando e de todos os corpos que compõem a escola, pois assim sendo, a educação em questão deve ser conduzida para se encaminhar para um modelo de sociedade transformadora, atuante e capaz de entender e atender aos apelos que clamam por mudanças e melhorias educacionais e conseqüentemente sociais.

A indisciplina quando direcionada ao aluno tem a opinião da grande maioria dos professores, que atribui este fato a conversas paralelas, que gera um desinteresse que parece ser o tipo mais comum de indisciplina no cotidiano escolar. Entretanto, é preciso que o professor saiba diferenciar conversas paralelas de comunicação, que é sem dúvida um fator gerenciador de intercâmbio que promove o diálogo como algo que beneficia as relações e o bom aproveitamento das aulas como um todo.

Na maior parte das vezes tende-se a confundir conversa na sala de aula com indisciplina, isto é um absurdo, porque conversar é um dos atos mais profundos e significativos do ser humano. Indisciplina mesmo eu penso que existe quando a postura do aluno impede que a escola e que o currículo cumpram seus objetivos (Revista Mundo Jovem, nº 319 – Agosto, 2001, p 19).

Todas as condições impostas à disciplina são muitas vezes atribuídas somente ao aluno, quase sempre com o propósito de oprimir para dominar a situação, ou seja, tende a controlar para dominar tanto os movimentos como a voz dos alunos, conduzindo para uma docilidade, delimitando o espaço de atuação, que vem de encontro ao que mais se discute nos congressos atuais de educação tendo em vista promover uma educação para um cidadão participativo, comunicativo, sociável e crítico.

Embasamo-nos nas ideias de Foucault (1987, p. 199):

A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e, dissocia o poder do corpo: faz dele por um lado uma *aptidão*, uma *capacidade* que ele procura aumentar; e inverte por um lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita [...] digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

A desobediência e a falta de atenção do aluno para com os professores e com o exposto nas tarefas do dia-a-dia da sala de aula podem ser um reflexo dos vários níveis de alunos existentes dentro da sala e que os professores não têm condições de trabalhar satisfatoriamente, devido a diversos fatores como falta de material, tempo para preparar atividades, classes numerosas ou quando lhes faltam a experiência e estudo de tais questões.

Esse desnível ou heterogeneidade existente nas salas de aula, principalmente nas numerosas, pode desenvolver nos alunos que não estão acompanhando o nível da aula, um desinteresse que os levará a dispersão: o desinteresse do aluno pela matéria também pode advir do fato do nível da aula estar muito além ou muito aquém do seu (VASCONCELLOS, 2000, p. 79).

A agressividade presente no cotidiano da escola é apontada pelos professores como um causador de atos indisciplinados. Os alunos não conseguem manter uma relação amistosa, ocorrendo brigas e agressões entre eles. Trabalhar a questão da agressividade em sala de aula requer, por parte do professor, um grande conhecimento dos alunos e da pluralidade em sua sala de aula.

Para Vasconcellos (2000, p. 85):

Como a pluralidade das ações aí presentes não se reduz à uniformidade, o princípio da homogeneização não se coloca tranquilamente, pois se repousa numa inquietação frente ao querer viver dos diferentes grupos. A disciplina imposta, ao considerar, por exemplo, o modo como são partilhado os espaços, o tempo, as relações afetivas entre os alunos, gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal.

As formas pelas quais se enfrentam os problemas referentes à indisciplina dentro da sala de aula, expostas pelos professores podem se conter em dois grupos:

No primeiro grupo, o discurso aparece como arma, caminho ou instrumento para o professor relacionar-se com os alunos, ou seja, são os famosos sermões, repreensões que na maioria das vezes é de forma desmedida, carregada de sentimentos negativos como raiva, que distancia e exclui e que ainda deixa

transparecer para o aluno todo o descrédito sentido pelo professor. E que tudo isso exposto aos demais, deixa o aluno com sentimentos de vergonha e com sua autoestima baixa.

Vejamos o que menciona La Taille (1996, p. 11):

O sentimento de vergonha tem seu mínimo denominador no constrangimento de se supor olhado pelo outro. E quando este olhar for crítico, negativo, a vergonha encontrará sua tradução mais frequente: sentimento de rebaixamento, desonra, humilhação.

No segundo grupo as atitudes aparecem como práticas mais palpáveis, pois trata a indisciplina como forma de resgatar a realidade dos alunos, e a partir daí podem de fato identificar o real motivo do mal-estar, do desconforto em relação à indisciplina. Essas atitudes são consideradas de muita relevância para Vasconcellos (2000, p. 22): “É importante fazermos uma análise histórica, para compreendermos a realidade, o problema em toda sua extensão. A pergunta que pode orientar esta análise é: o que mudou na escola nos últimos 30, 40 anos?”.

Vasconcellos ainda admite que muita coisa mudou, ou seja, as relações mudaram, os interesses e com isso a imagem que a escola tinha de salvadora da pátria, de dona da verdade foi se desfazendo. Porém alguns professores ainda não conseguem ver que o aluno precisa encontrar respostas para entender por que ele precisa estar ali, sentado, obedecendo, estudando, aprendendo, isto onde o professor arbitra isolado e o aluno pode ser ou não o seu receptor, apesar de estar de corpo presente.

É preciso que o professor discuta e leve os alunos a entender o motivo e a necessidade de estarem ali, e para que estão ali, vivendo um relacionamento de aprendizagem e conhecimento que nem sempre é partilhado no sentido dos objetivos estipulados, eis aí um motivo para o aluno revoltar-se e indisciplinar-se. É sem dúvida, de suma importância, que o professor desperte no educando o interesse, a vontade de aprender através de suas práticas, isto sim pode ser um bom começo para viabilizar a disciplina. Vasconcellos (2000, p. 58) enaltece esta questão com os seguintes dizeres:

Para se alcançar a disciplina é fundamental, pois, que se tenha um horizonte buscando juntos, objetivos comuns. Isto normalmente não tem ocorrido nas escolas onde o aluno se vê obrigado a estar numa

sala de aula sem entender o porquê e o para quê daquilo. O professor muitas vezes considera que é “óbvio” o motivo do aluno estar ali; pode ser óbvio para ele, mas para o aluno não é.

As causas mais frequentes, conhecidas e abordadas sobre a indisciplina no cotidiano escolar são: o professor, a família, a sociedade e suas crises econômicas, ‘políticas e institucionais; o modelo de capitalista de produção e dominação, com seus altos índices de competitividade; os valores éticos e morais, como o respeito à vida, contidos na opinião dos professores, meio em desuso; existem também os fatores psicológicos que ainda não são tratados da forma que merecem, fatores estes, que estão presentes no educando, em suas famílias e também no educador, e que na maioria das vezes não encontram subsídios na colaboração de profissionais da área, especialmente nas escolas públicas, que já apresenta falhas desde a sua estrutura.

Porém é sabido que esse fator ainda não é levado em conta com a consideração que merece, na maioria das escolas brasileiras. Aquino (1996, p. 45) expõe algumas características, sob um olhar psicológico, sobre o tema e esclarece a indisciplina como “carência psíquica infraestrutural” e ele diz que esta não se faz somente nas relações escolares, eis o que ele diz:

Se do ponto de vista social histórico, a escola é palco de confluências dos movimentos históricos (as formas cristalizadas versus as formas de resistência), do ponto de vista psicológico ele é profundamente afetado pelas alterações na estruturação familiar [...] não é possível assumir que a indisciplina se refira ao aluno exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico moral [...], no segundo caso o eixo argumentativo se desdobra em torno do conceito de autoridade enquanto infra-estrutura psicológica para o trabalho pedagógico.

Portanto, a indisciplina não deve ser vista nem pensada como particularidade de determinado aluno, nem deve ser dada a ela uma conotação individual e patológica, e sim, como algo “cujas raízes encontram-se no advento, no sujeito, da noção de autoridade”. (AQUINO, 1996, p. 45).

A indisciplina aparece para esses professores como um percalço entre a boa relação com seus alunos, mas é sabido que essa indisciplina poderá gerar um ambiente onde o envolvimento com o que está sendo exposto e pretende se tornar conhecido não se faz presente, isto porque o aluno não se sente participativo, nem

completamente envolvido com aquilo que se deseja que ele aprenda; é preciso que o professor induza o aluno a perceber a importância e o real significado de se aprender o conteúdo que este está expondo, porque se assim não for, dificilmente surgirá dessa relação um resultado positivo e profícuo.

Muitos professores não têm de fato um ponto inicial sobre os problemas de indisciplina de suas turmas, às vezes, estes professores, não têm sequer uma visão de relação entre indisciplina e comportamentos não-assertivos, o que os levam a ficarem “atirando” para todos os lados para atribuírem fatos não assertivos à indisciplina.

No processo ensino-aprendizagem, deve existir uma reciprocidade de respeito e sentimentos de afetividade, para que flua livremente a boa concordância e aceitação tanto do aluno para com o professor, ou vice-versa. Só assim, de fato, certas atitudes indisciplinares se amenizarão dentro do contexto escolar. Isto depende em muito do “ser” do professor e do “fazer”, porque nas atuais escolas brasileiras, vemos que existe em parte, um grande despreparo de profissionais do magistério que são os que mais se queixam das questões de indisciplina nas suas atividades diárias.

Aqui, a didática aplicada só entrará “no mérito da questão”, se servir como mecanismo de tradução e prática no exercício educacional, onde o professor deve exercer seu papel e deve ser o elo tradutor de posicionamentos teóricos em práticas educacionais, mas também deve se aperfeiçoar e se moldar às diversas turmas e formas de ensino que estas requerem. Porque, um professor realmente comprometido com o processo de ensino-aprendizagem, deve ser um bom negociador dos casos de indisciplina que surgirão ao longo de sua vida profissional. E não um reclamador nato dos casos indisciplinares.

A indisciplina de fato existe, mas precisa ser trabalhada e gerida de acordo com as perspectivas que cada meio lhe oferece, é possível que a solução de um fator indisciplinar, não se aplique para muitos alunos, isto porque, cada ser reage e interage de maneira distinta a cada ação. Nisto entra o bom senso e a boa prática do professor.

Depois dos ensinamentos de Piaget, é impossível que a escola permaneça sem vislumbrar que, muitas vezes, os professores ao responder as dúvidas das crianças, privam-lhes de aprender. No entanto, este conceito está arraigado na mentalidade do nosso país, que vê o professor como o tirador de dúvidas, quando

na verdade a dúvida deve ser o motor, e que esta deve ser estimulada ao invés de sanada, pois só assim, o aluno se sentirá mais participativo e envolvido de fato no aprendizado do dia-a-dia.

Indisciplina, todavia, é muitas vezes a falta do que fazer, e também pode ser que se faça, mas de forma desinteressante e incoerente, onde os alunos não percebem que também são sujeitos ativos e participativos do aprendizado constante. A indisciplina muitas vezes é uma resposta aos poderes que nem sempre são legitimados, aceitos e entendidos pelos alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se existe um compromisso social entre a escola e suas finalidades, fica claro que este é a formação cidadã do aluno. E essa finalidade não deve ser atingida sem “sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas, de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos.” (La Taille, 1996, p. 23).

Verificamos ao adentrar no interior da escola, que é preciso captar as nuances da indisciplina, e a partir daí perceber que ela não é um problema isolado. São vários os fatores que estão presentes nesta temática, entre elas, a questão das condições de trabalho dos professores, o tamanho das salas que são geralmente pequenas, superlotadas de alunos e sem recursos, que sem dúvida contribuem para aumentar os casos de indisciplina e de violência.

Percebemos também que para muitos professores a indisciplina e a violência aparece como algo independente de sua prática, uma vez que o problema indisciplinar de determinado aluno ou turma parece encontrar-se em primeiro lugar nos próprios alunos, porém estes alunos são vistos pelos citados professores como um produto das condições familiares das quais são oriundos. É muito raro perceber no discurso de muitos desses professores, uma preocupação com a necessidade de estudar o fenômeno indisciplina ou violência dentro do cotidiano escolar, como também se torna raro o professor se inserir, senão como fator de indisciplina, mas ao menos como um corresponsável pelo trato deste problema no seu dia a dia escolar.

A falta de um preparo pedagógico ou mesmo de experiência para lidar com a dinâmica da sala de aula, já produz a indisciplina, que por sua vez, produz no professor a frustração por ver a falta de resultados positivos do seu trabalho, levando-o ao desânimo e a perda da sua autoestima, gerando desconforto, e assim fica mesmo difícil controlar ou amenizar a indisciplina dentro da sala de aula e conseqüentemente no contexto escolar.

São várias as dificuldades que o professor encontra para trabalhar com a heterogeneidade das salas de aula, que em geral são numerosas, é justamente através deste prenúncio que, devemos entender e distinguir a cultura de que todos aprendem de uma mesma forma, ou seja, não devemos nos embasar no princípio de ensinar a muitos como se fossem um só, porque se assim o fizermos estamos

esquecendo de respeitar as diferenças e as particularidades existentes entre os alunos, e assim, não se pratica um ensino mais personalizado, que de fato insira cada aluno ou grupo de alunos nos seus respectivos contextos e realidades.

A escola precisa urgentemente ser reinventada ou no mínimo ser contemplada com mais atenção, respeito e seriedade, desde a formação dos professores até o aceitar de fato as diferenças individuais tanto dos mesmos como também dos alunos. Quanto à formação dos professores, deve ser proporcionada de forma que vislumbre os aspectos tanto relacionais com todo o corpo da escola, como nas maneiras que conduz ao conhecimento sobre a realidade social e acima de tudo, no voltar a ser criança. Sabemos que isso facilita bastante a compreensão de querereres, comportamentos e ações indisciplinadas dentro da sala de aula. Hoje o campo para professores arraigados nos velhos padrões de ensino encontra-se cada vez mais restrito e sem dúvida num futuro bem próximo, extinto de vez.

Conhecer velhos e novos aspectos sobre o tema indisciplina que gera violência no cotidiano escolar, tratado neste trabalho, foi bastante proveitoso. Além de ter favorecido para profundas reflexões sobre nossa prática, modificando positivamente nossa atuação e com isso, contribuindo de alguma forma para a prática de colegas nossos que foram também objetos de estudos, sem contar na satisfação de voltarmos nossos olhares aprimorados para as crianças, que todos os dias temos o privilégio de compartilhar saberes; essa reciprocidade de fato nos enriqueceu e enriquece bastante, tanto no aspecto profissional como no pessoal.

Esperamos de fato que este trabalho possa vir a servir a outros professores e pedagogos, na abordagem da indisciplina e da violência no contexto escolar, que possam oferecer elementos que lhes possibilitem aprimorar suas estratégias para atuarem nas resoluções dos problemas e conflitos relacionados a indisciplina escolar. Como também, almejamos e lutamos para que no ambiente escolar possa de fato haver concordância sempre e não discordância, que gera conflitos e mal estar pessoal tanto do corpo docente como do discente, pois isto não contribui em nada para o bom andamento da educação em nosso país.

É preciso que nós professores e pedagogos tomemos consciência da importância do nosso papel na sociedade, papel que pode construir ou destruir, vai depender da qualidade de quem o aplica. É preciso estarmos voltados para a construção de uma sociedade que instrui e precisa de futuro, que pode e deve ter a contribuição ativa e perspicaz dos profissionais da educação. São vários os fatores

frisados como: família, sociedade, política eficiente etc., mas se nós profissionais da educação fizermos a nossa parte muita coisa pode ser melhorada e mudada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. **Inteligências múltiplas – realidade e lenda**. São Paulo, 2002. Disponível em: (<http://www.diretoriadeitapevi.com.br/index.html>). Acesso em: 25 de outubro de 2013.

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola – alternativas teóricas e práticas**. 8ª ed. São Paulo: Summus, 1996.

BOSELLI, S. **Indisciplina – uma reflexão**. São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.cf-cinfaes.rcts.pt/Disciplina.htm>. Acesso em: 25 de outubro de 2013.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3ª ed. Portugal: Porto Editora, 1992.

FOUCALT, M. **Vigiar e Punir**. 25ª ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2002.

LAVILLE, C. **Construção do saber; manual da metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

LECH, M. B. **Vínculo educativo**. Disponível em: <http://www.annex.com.br/cepap> Acesso em: 25 de outubro de 2013.

LECH, M. B. **Competências do professor**. Disponível em: <http://www.annex.com.br/cepap> Acesso em: 25 de outubro de 2013.

SILVA, T. T. (Org.). **O sujeito da educação**. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1994.

VASCONCELLOS, C. S. **Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula. Série Cadernos Pedagógicos do Libertad**, n. 4. 2ª ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELLOS, C. S. **Construção do conhecimento em sala de aula. Série Cadernos Pedagógicos do Libertad**, n. 2 ed. São Paulo: Libertad, 1995.